

## O que é um evangelho? Biografia teológica de Jesus Cristo

Wanderson Loguidice<sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto propõe uma reflexão sobre os Evangelhos como um gênero literário específico, cuja forma, função e estilo são inseparáveis de sua natureza teológica. Longe de serem apenas “boas notícias”, os Evangelhos são apresentados como biografias teológicas que narram a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo sob diferentes perspectivas narrativas e confessionais.

### PALAVRAS-CHAVE

Evangelho; Biografia; Cristologia; Literatura.

Neste artigo, propõe-se argumentar que o evangelho é uma biografia teológica. O termo evangelho é considerado um gênero biográfico teológico sobre a vida de Jesus Cristo. Enquanto os evangelistas escreviam suas obras, eles faziam teologia ao mesmo tempo, isto é, eles ensinavam sua comunidade sobre a pessoa de Jesus Cristo, mas também pastoreavam a sua comunidade. Afinal de contas, o povo sofria muitas coisas em relação ao governo político de sua época. Por isso, era considerável o cuidado com as pessoas em relação a sua fé.

Biografia pode ser considerada o relato sobre alguém familiarizado com uma pessoa histórica, dando certos relatos de seus feitos, palavras e condutas no decorrer de sua vida na terra. Sendo assim, biografia é uma narrativa sobre a vida de uma pessoa real.

### I. Evangelho como biografia teológica

Os gêneros literários têm uma forma, função e estilo de comunicar um conteúdo. Portanto, os gêneros textuais de acordo com o pensamento do autor expressam seu estilo teológico. Evangelho não significa apenas boas notícias, mas biografias teológicas.

“Marcos foi o primeiro a usar o termo “evangelho” (*euangelion*) para essas poderosas biografias de Jesus (1.1,15)” (OSBORNE, 2019, p. 1). A tradição oral sobre Jesus foi algo importante durante os anos do cristianismo. Esse gênero literário caracterizou o movimento dentro do judaísmo do Segundo Templo.

De acordo com Dunn (2017, p. 73):

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Betel Brasileiro (Santo André); Graduado em Letras pela FAVENI (SP); Pós-Graduado em Novo Testamento pelo Seminário Jonathan Edwards; Mestre em Hermenêutica e Pregação Bíblica pelo Seminário Betel Brasileiro (São Bento – SP); Mestre em Teologia Bíblica no Novo Testamento pelo Seminário Jonathan Edwards; Pós-Graduando em Língua Portuguesa e Literatura pelo Mackenzie (SP).

Um dos principais desenvolvimentos nos primeiros quarenta e tantos anos de cristianismo foi a transição da tradição oral sobre Jesus para o evangelho escrito. Para a história do cristianismo, a importância desse desenvolvimento dificilmente poderá ser exagerada. Estamos falando do estabelecimento de um novo gênero no âmbito da literatura antiga, o “*Evangelho*”, ou, mais precisamente, o Evangelho cristão. Ainda mais importante foi que esse novo gênero definiu e distingui tanto quanto caracterizou o novo movimento dentro do judaísmo do Segundo Templo como nenhum outro desenvolvimento o fez.

A forma literária é uma arte pelo fato de que os autores escolheram determinadas passagens, ritmo da narração nos pequenos movimentos de um diálogo, e composições para transmitir um conteúdo, no qual é encontradas nas estruturas do texto.

Antes dos Evangelhos terem sido escritos, eles eram uma proclamação oral dos ensinamentos e da ressurreição de Jesus Cristo. Porém, a palavra Evangelho adquiriu um sentido único conforme os anos. Kermode e Alter (1997, p. 404) argumentam:

[...] a palavra evangelho é encontrada no plural, indicando que as pessoas já não pensavam nos quatro meramente como versões diferentes de um evangelho, mas como quatro Evangelhos. Certamente havia mais do que quatro, mas apenas quatro foram acolhidos e é deles, e não das obras apócrifas sobreviventes que levam o nome de evangelhos, que derivamos nossa acepção do que seja um evangelho.

Craig S. Keener (2020, p. 37) ainda sustenta que:

Algumas maneiras de classificar os Evangelhos não sobreviveram ao tempo. Para alguns estudiosos antigos da literatura grega erudita do período clássico, os Evangelhos estavam mais para a literatura popular que para “literatura erudita”. Estudos posteriores, contudo, revelaram que a literatura da época variava bastante entre as modalidades popular e erudita, e muitas vezes a literatura erudita era imitada pela popular. Os próprios Evangelhos abrangem tanto o estilo rude de Marcos quanto o estilo às vezes bastante sofisticado de Lucas.

Todos os materiais dos quatro Evangelhos foram transmitidos no interior da comunidade de fé e vistos na perspectiva do Senhor ressuscitado. Os escritores dos Evangelhos são bem criativos ao desenvolver seu estilo literário. Eugene Boring (2026, p. 860) afirma que,

O autor de uma narrativa deve escolher que tipo de narrador contará a história. Os escritores dos Evangelhos e, presumivelmente, os seus antecessores, os pregadores e contadores de histórias sobre Jesus, no período pré-evangelho da tradição oral, todos escolheram o “narrador onisciente”. Esse narrador pode estar em toda parte, sabe de tudo, é o observador silencioso e ouvinte de cada conversa, e permite que o leitor faça o mesmo.

Essa estrutura literária, à qual o próprio escritor nos dá acesso, é algo formidável. Por exemplo, o narrador deixa o leitor ouvir a conversa privada entre Nicodemos e Jesus (Jo 3.1-21); a conversa entre a mulher samaritana e Jesus (Jo 4.1-26); e a oração de Jesus no Getsêmani, quando os discípulos estavam dormindo (Mc 14.32-42). Observamos que o próprio escritor tem as suas formas de acrescentar uma história privada. São quatro Evangelhos com quatro vozes distintas

apresentando conversas privadas, organizando as histórias e particularidades de acordo com as perspectivas de cada um. Conforme Carson (2012, p. 213-214):

Essa é a razão por que os quatro evangelhos (os primeiros quatro livros do Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas e João) são tão difíceis de serem classificados. Pessoas escreveram volumes eruditos sobre o gênero de literatura em que eles se enquadram. É uma tragédia? Bem, Jesus ressuscitou dos mortos, e isso não parece trágico. No aspecto literário, os evangelhos são comédia? Eles são de espécie diferente. São muito sérios para serem comédia: a centralidade da cruz, o que foi realizado e a atrocidade bárbara da cruz em meio ao seu esplendor – os evangelhos não podem ser reduzidos a categoria de uma única palavra. Eles são biografias? Isso é talvez o mais próximo que você pode chegar de uma qualificação apropriada. Um evangelho do Novo Testamento é, de algum modo, similar às biografias helenistas do século I, eu suponho. Mas não há outras biografias helenistas do século I em que o enredo diz morrer é a razão pela qual o personagem central veio. Os evangelhos do Novo Testamento parecem muito diferentes de seus análogos helenísticos do século I.

Todos os relatos que os quatro escritores apresentam são uma só narrativa e o protagonista principal é Jesus Cristo. Cada escritor dá sua perspectiva dos momentos da vida de Cristo, pois, o Evangelho é um exemplar único e de gênero único.

De acordo com João Ângelo Oliva Neto<sup>2</sup>, ao escrever o prefácio da excelente obra do Marcelo Musa Cavallari (2020, p. 12) sustenta:

Ora, tal unicidade como estratégia narrativa é de todo adequada à condição do próprio Cristo, o filho unigênito de Deus. Tenha o leitor em mente que a narração da vida e da morte de uma personagem a tal ponto singular requereu uma linguagem e uma forma narrativa, bem entendido, um “gênero” também ele inaudito, novo e, portanto, singular, a que se chamou “evangelho”.

Contar a vida de Jesus Cristo requereu uma forma de gênero para que os leitores compreendessem o sentido do anúncio das boas novas do Filho de Deus. Comparar o Evangelho com os gêneros antigos é essencial, isto é, escritos em prosa, narram todos a vida de Jesus, mas não narram a vida inteira de Cristo, apenas aquilo que é mais significativo em vista do fim. Por exemplo, apenas Mateus e Lucas narram a infância de Cristo conforme suas perspectivas, mas todos os quatro narram as dores, sofrimento, morte e ressurreição de Jesus.

Os evangelistas apresentam Jesus como herdeiro e continuador do que se narra no Antigo Testamento, ou seja, ele é Filho de Deus. “O gênero antigo que mais se aproxima dos Evangelhos talvez seja o que os gregos e depois os romanos chamavam “vida” (*bios*, em grego, e em latim, *vita*), a que chamamos “biografia”” (CAVALLARI, 2020, p. 12). Sendo assim, vida é um dos vários subgêneros do amplo gênero antigo, na qual é chamada hoje de história ou historiografia, e nela são narradas as ações mais importantes da vida de alguém para que se conheça seu caráter.

---

<sup>2</sup> CAVALLARI, Marcelo Musa. Os Evangelhos: Uma Tradução. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

Os Evangelhos não são biografias no sentido moderno, “os evangelhos não nos dão uma descrição da aparência de Jesus, ou os acontecimentos de sua vida em ordem cronológica exata” (BORING, 2016, p. 921). Os Evangelhos eram biografias no antigo sentido helenístico, pertencentes ao gênero de “*bioi*” (vidas).

Para isso Boring (2016, p. 924) afirma que:

No mundo antigo, ninguém nunca se referiu aos evangelhos como “biografias”. Em termos de gênero literário, os evangelhos não se encaixam facilmente em qualquer categoria já conhecida no mundo helenístico. Isso não quer dizer que eles eram absolutamente únicos. A comunicação requer algum reconhecimento em termos de gêneros conhecidos.

É importante observar as características distintas que existiam entre outros tipos de literatura da época, algo que nos tempos antigos era chamado de “*kerygma*”. “Marcos e seus sucessores são composições kerigmáticas, centradas na atuação de Deus no evento-Cristo, e não – em contraste com as *bioi* – sobre a “essência” ou “caráter” de Jesus” (BORING, 2016, 924). Isso serve para mostrar que Marcos não está interessado principalmente com a apresentação de uma série de histórias que comunicam qual tipo de pessoa Jesus Cristo é, mas contar a história de Jesus de uma forma que seja possível comunicar o ato salvífico de Deus.

Ainda segundo Boring (2016, p. 924):

Jesus aparece em quase todas as cenas nos evangelhos. No entanto, a história não é sobre Jesus em si, mas sobre Jesus como o Cristo, o único através do qual Deus age. Há um sentido real no fato de que os evangelhos não são sobre Jesus, mas sobre Deus. O ato cultural da proclamação do evangelho no contexto do culto cristão distingue-se das *bioi*, que não foram compostas para esse ambiente e função.

Deus está agindo na história por meio do seu Filho, Jesus Cristo. No sentido de gênero literário como biografia teológica, os evangelistas comunicam como Deus age. Os leitores são levados a contemplar o Deus encarnado no Evangelho, um Deus que andou no meio de sua criação, manifestou seu poder contra os demônios, curou pessoas, morreu e ressuscitou. Os leitores contemplam um Deus em ação.

Outro elemento distinto no gênero literário do Evangelho é aquilo que Boring chama de unidades querigmáticas da tradição. Para esse raciocínio Boring (2016, p. 924) sustenta que:

“Os ditos e histórias dos quais os evangelhos são compostos não foram recolhidos a partir de fontes aleatórias e memoriais, mas foram filtrados através da vida da comunidade”.

Cada unidade da tradição já havia funcionado com o seu propósito querigmático e didático de proclamar e instruir. O contexto narrativo do Evangelho, as pequenas histórias e ditos funcionavam como uma espécie de proto-evangelho que fez a sua própria afirmação teológica. Para Boring (2016, p. 924): “o que muitas vezes inclui uma perspectiva sobre cristologia e o significado do discipulado”. A forma literária do Evangelho é uma combinação de unidades

tradicionais, de forma que o Evangelho como um todo parece ser um tanto episódico, mas não meramente anedótico.

A narrativa que é desenvolvida nos Evangelhos não serve apenas para contar a história de Jesus como um relato de um grande homem, mas como o Cristo de Deus. Por exemplo, o Evangelho de Marcos narra um segmento de uma linha completa que se estende desde a criação até a ressurreição. O Cristo é o enviado de Deus no clímax da história para estabelecer o reino de Deus.

A história é vista em perspectiva escatológica, como o Messias enviado como aquele que cumpre e redime a história. Uma vez que a vida de Jesus é retratada como segmento definitivo da linha histórica da redenção, a história de Jesus não é relatada por completo, ou seja, dentro da história, dentro de uma vida, o significado de toda a história é revelado, uma imagem antes da vitória escatológica do reino de Deus. “Isso é fundamental para a confissão “Jesus é o Cristo”. O tipo de narrativa adequada a esta confissão é o evangelho” (BORING, 2016, p. 925).

A figura de Jesus nos Evangelhos é retratada como uma figura histórica, ou seja, é uma figura histórica no sentido passado, porque os acontecimentos da vida de Cristo e seus ensinamentos são vistos e ouvidos na perspectiva da fé e ressurreição, e transcendental ao sentido presente, ou seja, continua atuando. Esta é a consequência literária da fé em que Deus fez ressurgir dos mortos a Jesus. “Isso também contrasta com as *bioi* helenísticas, como a vida de Sócrates” (BORING, 2016, p. 926). Esta ideia surge porque Sócrates era considerado imortal, pois, sobreviveu à morte e que habitava no mundo pós-morte, porém, isso era algo diferente da fé dos primeiros cristãos na ressurreição de Jesus Cristo.

Conforme os Evangelhos, é nítido observar que Jesus Cristo foi morto e ressuscitado, exaltado a uma nova ordem de ser, que ele foi feito Senhor do universo e que ele é o princípio e a garantia do evento escatológico. Sua vida continua em um sentido real, como a presença de Deus e a presença do Espírito Santo na comunidade dos cristãos. Para Boring (2016, p. 926):

Nas *bioi*, a história do herói é contada a fim de manter viva sua memória. Nos evangelhos, Jesus está vivo, independente da história, e continua a agir e falar no mundo do leitor. Assim, o Jesus dos evangelhos fala após a audiência prevista na narrativa, falando sobre suas lideranças ao leitor implícito de tal forma que a história local relatada no quadro pré-pascal. Tal maneira de compor uma história depende da fé que os primeiros cristãos tinham na ressurreição, e não tem paralelo nas *bioi* helenísticas.

Uma categoria teológica que é vista nos Evangelhos é a Cristologia. Os Evangelhos são textos essencialmente cristológicos, expressando na forma narrativa os temas que já haviam se tornado importantes na confissão cristã autêntica, e que viriam a ser praticados nos credos clássicos e confissões. “[...] todos os quatro buscavam promover a visão cristã de Jesus como uma figura excepcional, o singular veículo dos propósitos redentores de Deus” (HURTADO, 2012, p. 369).

Os autores dos Evangelhos viam seus escritos como parte de uma atividade cristã primitiva mais ampla de proclamação, fortalecimento dos convertidos, defesa da fé e formação de identidade comunitária. Larry W. Hurtado (2012, p. 320) sustenta:

Mas associar um escrito com esse ou aquele gênero literário não significa que ele é em todos os aspectos igual a outros daquele gênero. Como já observado, juízos sobre o gênero envolvem os conteúdos, a forma e a pretendida função de um escrito, e em quase todos os gêneros há muitos exemplos que mostram aspectos que os distinguem e variações interessantes dos padrões gerais, especialmente em forma e conteúdo.

Isso faz compreender melhor os Evangelhos como gêneros literários nos tempos antigos. Evangelhos têm uma série de semelhanças formais com vários exemplos de escritos bios da era greco-romana. Nos Evangelhos canônicos, esses vários tipos de discursos sobre Jesus foram reunidos em narrativas mais amplas, contínuas e de caráter biográfico, onde cada Evangelho ofereceu um retrato e uma versão sobre Jesus Cristo.

Ainda segundo Hurtado (2012, p. 373):

As crenças que os impulsionaram e que buscaram promover, inclusive afirmações sobre o significado singular de Jesus, diferiam radicalmente das bases filosóficas da antiga biografia grega.

Por isso, os evangelistas escreveram relatos de Jesus que fossem além dos objetivos costumeiros do gênero, sendo assim, os Evangelhos se constituem da literatura bios.

Outro elemento importante de observar é a genealogia nos Evangelhos, por exemplo, no Evangelho de Mateus, a genealogia de Jesus e esse subgênero era a narrativa antiga em que se indicava a descendência de uma pessoa, “sua independência, genealogia acabou por tornar-se parte de outras espécies historiográficas na Grécia dos séculos VI-V a.C.” (CAVALLARI, 2020, p. 12). As genealogias são uma característica que confere uma forma de biografia. A leitura dos Evangelhos é relevante, pois a ótica que eles têm é de apresentar a humanidade do Deus homem que segundo os Evangelhos, Jesus Cristo foi de fato. As genealogias de Mateus e Lucas são obras compostas independentemente uma da outra pelos autores.

De acordo com Hurtado (2012, p. 372):

O fato de que ambos os autores optaram independentemente por incluir uma genealogia de Jesus sugere que cada um deles buscou conscientemente ampliar assim o padrão evangélico presente em Marcos com um material biográfico mais completo.

Evangelho nas redações de Marcos, Mateus, Lucas e João é a fonte de tudo o que se sabe de confiável sobre essa vida e seus ditos. Para esse argumento Cavallari (2020, p. 18) ainda sustenta:

O Evangelho é literatura e sua leitura, a fruição de seu texto tal como seus autores o compuseram, com a ordem, a extensão, a intenção e o ritmo que lhes são inerentes têm que fazer parte da experiência do que os cristãos vêm considerando, há dois milênios, o contato com a Palavra de Deus (CAVALLARI, 2020, p. 18).

É possível ver no Evangelho sentido, gramática, estilo, sintaxe e pensamento teológico. Uma perspectiva literária tem seu início na convicção de que os Evangelhos são histórias. O leitor deverá se atentar para os conflitos que fazem parte dos conjuntos dessa história, por exemplo, o cenário que ocorre os acontecimentos, o ponto de vista pelo qual a história é contada, estilo, escolhas dos detalhes e as características do mundo narrativo que o Evangelho constrói para o leitor.

As histórias sobre a vida de Jesus foram seletivas e organizadas pelos autores. Marcos, Mateus, Lucas e João produziram seus livros com certas características destacadas. Por que quatro Evangelhos? Deus não poderia ter dado apenas um? Cada escritor dos Evangelhos tem sua própria perspectiva diferente do outro, por exemplo, a visão que Marcos tem de Jesus, não é a mesma de Mateus; a perspectiva que Lucas tem de Jesus, não é a mesma visão que João tem de Jesus; sendo assim, cada Evangelho cria seu próprio mundo narrativo. Em Mateus certos detalhes judaicos em que as profecias e as práticas religiosas do Antigo Testamento são apresentadas, o que não se vê em Marcos com tanta intensidade.

Os quatro Evangelhos são as fontes mais antigas para saber sobre a vida de Jesus. Esses quatro evangelhos foram aceitos pelos primeiros cristãos como as melhores fontes sobre a vida e mistério de Jesus Cristo. Sendo assim, temos quatro vozes distintas que dão informações preciosas sobre Jesus Cristo. Deus é generoso demais em nos conceder quatro pessoas diferentes, com personalidades diversas falando da mesma pessoa, o chamado Jesus, em um único gênero literário, a saber, o Evangelho. No tópico seguinte corresponde tratar das vozes distintas do Evangelho.

## **Considerações finais**

Evangelho é uma biografia teológica, no qual apresenta a vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Um detalhe importante sobre as biografias antigas, é que apenas a biografia de Jesus, apresenta ele morrendo e ressuscitando. E isso serve para nos mostrar que o Jesus que amamos e servimos está vivo e voltará para buscar a sua igreja. Tanto imperadores dos tempos antigos quanto pessoas mais atuais, no qual tiveram suas vidas registradas por meio desse gênero literário, que é a biografia, tem uma diferença, eles continuam mortos, mas Jesus Cristo, ele não está morto, mas vivo, governando o mundo com o seu poder. Com uma palavra, Jesus é capaz de acalmar os ventos e mares, assim como foi registrado em Marcos, Mateus e Lucas, mas com uma palavra, ele é capaz de fazer muitas coisas conforme a sua vontade.

O artigo foi recebido em: 10/03/2025 e aprovado em: 02/10/2025.

## Referências bibliográficas

- ALTER, Robert e KERMODE, Frank. Guia literário da Bíblia. São Paulo: Fundação editora da Unesp, 1997.
- BORING, M. Eugene. Introdução ao Novo Testamento: História, literatura e teologia – Vol II. São Paulo: Paulus, 2015.
- CAVALLARI, Marcelo Musa. Os Evangelhos: Uma Tradução. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.
- CARSON, D. A; MOO, Douglas J; MORRIS, Leon. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- DUNN, James D.G. Jesus, Paulo e os Evangelhos. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- OSBORNE, Grant R. Marcos. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- HURTADO, Larry W. Senhor Jesus Cristo: Devoção a Jesus no Cristianismo Primitivo. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2012.
- KENNER, Craig S. Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2020.